

HIDROTERAPIA NA MARINHA DO BRASIL

Recebido em 03/07/2014

Aceito para publicação em 11/08/2014

CMG (RM1-Md) Regis Augusto Maia Frutuoso¹

RESUMO

Este artigo sintetiza um breve relato do emprego da hidroterapia ao longo da história, desde a Antiguidade até a criação de um serviço especializado no Sanatório Naval de Nova Friburgo, enfatizando sua implantação na Marinha do Brasil no final do século XIX. O Autor iniciou o trabalho por uma revisão histórica e documental nos arquivos existentes no Centro de Perícias Médicas da Marinha e na Diretoria do Patrimônio Histórico e Documental da Marinha, através de consultas ao Livro de Atas de Inspeções de Saúde realizadas nos militares da Marinha do Brasil, no final do século XIX e início do Século XX. Conclui que a hidroterapia constituiu-se à época numa importante recomendação médica nas avaliações periciais dos militares.

Palavras-chave: Marinha do Brasil; Hidroterapia; Perícia Médica; História da Medicina.

INTRODUÇÃO

Numa reflexão histórica sobre algumas curiosidades da utilização da hidroterapia ao longo do tempo, inicialmente em bases empíricas evoluindo para uma atividade científica, pode-se observar que a hidroterapia foi uma importante recomendação médica em diversas patologias, com ênfase nos casos de beribéri.

Uma pesquisa documental foi realizada no Centro de Perícias Médicas da Marinha, através de consultas ao Livro de Ata que registra as inspeções de saúde dos militares da Marinha do Brasil, no final do século XIX e início do século XX.

A Marinha do Brasil acompanhando a evolução da ciência médica praticada nas Marinhas de outros países promoveu uma série de medidas para a criação de um Sanatório Naval dotado de um então moderno Serviço Hidroterápico, localizado na cidade de Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro.

BREVE HISTÓRICO

A hidroterapia consiste na utilização de diferentes técnicas de aplicação da água com finalidade terapêutica. O seu uso pode ser interno ou externo.

Na hidroterapia de uso interno, o tratamento é feito pela ingestão de águas naturais com composições e aplicações específicas. A hidroterapia de uso externo compreende: banhos, duchas, saunas, aplicações de compressas, exercícios específicos praticados em piscinas e a talassoterapia (do grego *thalassa*, que significa mar). Na talassoterapia pode ser utilizada a água do mar e, eventualmente, a lama do fundo do mar e até as algas marinhas.¹

O emprego terapêutico da água data de épocas remotas. Estava associado a misticismos, costumes religiosos e aos empirismos da ciência médica. Com o advento da medicina científica, houve a necessidade de comprovar experimentalmente os conhecimentos dessa prática terapêutica.

O uso da hidroterapia como forma terapêutica é tão antigo quanto o homem e, entre os povos primitivos, eram muito difundidas as “curas pela água” com banhos fluviais (Figura 1), abluções frias ou quentes.

Os povos ancestrais tinham conhecimento que a água é fundamental para a vida. A Terra e os seres vivos são compostos de 70% de água. Leonardo da Vinci referia-se a água como “o sangue da natureza”.

Entre os egípcios, o rio Nilo era objeto de adoração divina. A oração e os banhos desempenhavam importante papel nas práticas terapêuticas pelos seus médicos-sacerdotes.

O *Papyrus Ebers*, documento egípcio dos antigos faraós, datado de 1552 a.C., revela o uso de clister para a prática de lavagem intestinal, que consistia numa modalidade de hidroterapia fluvial, com uso de pequenos tubos ocios que facilitavam o fluxo de água diretamente no reto. A hidroterapia do cólon muito praticada desde tempos imemoriais, caiu em desuso pouco antes da Segunda Guerra Mundial.¹

¹ Membro Titular da Academia Brasileira de Medicina Militar. Membro da Sociedade Brasileira de História da Medicina. E-mail: regisfrutuoso@gmail.com.

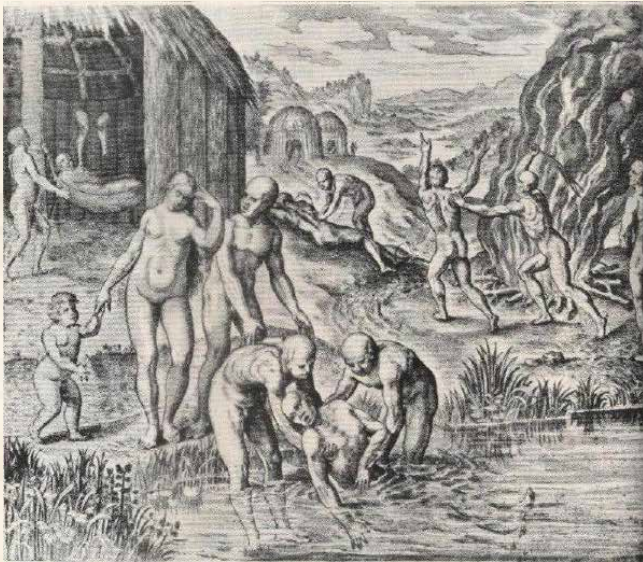


Figura 1: O banho como medida terapêutica entre os índios da América. Gravura em cobre. Johann Theodor de Bry. Openheim, 1618.

Na medicina ayurvédica, a água é considerada um veículo de energia vital (prana), com propriedades de estimular o organismo humano e torná-lo mais saudável. Na Índia, a fé no poder curativo do rio Ganges, vem de épocas remotas e ainda hoje ele é venerado como rio sagrado.²

Na Bíblia existem referências à cura de enfermos a custa de banhos de rio e de fontes, além das abluções feitas por motivos religiosos.

Nos escritos cuneiformes da medicina assírio-babilônica, recomendava-se aspersão da cabeça com água fria nos casos de dores abdominais e sínopes.²

Na história da medicina, a hidroterapia sempre dividiu opiniões sobre seu poder curativo. Apesar disso, os médicos, independente de sua crença, indicavam essa forma de tratamento para o alívio de várias doenças.

As curas balneárias que eram relacionadas às crenças religiosas encontraram seu fundamento científico no *corpus hippocraticum* - conjunto de obras atribuídas a Hipócrates. Os médicos conheceram a ação hemostática da água fria e basearam as suas práticas hidriáticas na noção de que a água fria aquece e a água quente refresca. Com isso, adiantaram-se à hidroterapia moderna em um de seus importantes conhecimentos. Os hipocráticos prescreviam a água fria nas inflamações locais, poliartrites, estados espasmódicos e diversas paralisias. Além das compressas empregadas principalmente nas afecções oculares, eram de uso corrente muitos métodos que a terapêutica moderna também realiza: banhos parciais, aspersões, duchas, abluções. O banho tépido constituía um importante recurso nas doenças febris.²

Os médicos gregos tinham grande prestígio entre os romanos e, assim, graças a sua eficiente atividade, adotou-se em Roma a medicina grega. Um dos segredos de seu êxito foi, sem dúvida alguma, a frequente prescrição de banhos medicinais, que se amoldava muito bem aos costumes daquela época.

O Império Romano expandiu o sistema de banhos desenvolvidos pelos gregos. Os romanos destacaram-se por sua habilidade na arquitetura e construção das Termas, que eram locais de cura e prazer. Os romanos, inicialmente, utilizavam os banhos com finalidade higiênica, prevenção e tratamento de lesões traumáticas

de atletas. Esses banhos com o tempo deixaram de ser exclusivos dos atletas e passaram a ser utilizados para o tratamento de doenças reumáticas, traumáticas e inclusive para atividades recreativas, com acesso a toda sociedade. O sistema romano envolvia uma série de banhos com diferentes temperaturas: muito quente (*caldarium*), água morna (*tepidarium*) e muito fria (*frigidarium*).² Um exemplo de mega-construção romana foram as famosas Termas de Caracalla (Figura 2), que tiveram sua construção iniciada por Septimo Severo e foram inauguradas no ano de 216 d.C., por seu filho Caracalla.

Com o declínio do Império Romano, os aspectos higiênicos começaram a se deteriorar, ocorrendo, então, a proibição de banhos públicos.



Figura 2: Provável aparência das Termas de Caracalla.

A influência da religião na Idade Média conduziu para o declínio no uso dos banhos públicos e da água como forma curativa. Os seguidores do Cristianismo consideravam a utilização da água um ato pagão. A partir do século XV, gradativamente ressurgiu o interesse pelo uso da água com finalidade terapêutica. O batismo praticado pelos cristãos era, então, realizado sob a forma de banhos de rio.²

No final do século XVI, os banhos medicinais se propagaram extraordinariamente na Alemanha e na França.

Foi de grande importância, o fato de Ambroise Parré (1570-1590) ter empregado a água nos procedimentos cirúrgicos. Em lugar do óleo quente, que naquela época costumava-se derramar sobre as feridas, Parré recomendou a água fria no tratamento de lesões e fraturas ósseas. Os resultados favoráveis obtidos com esse método fizeram com que o uso terapêutico da água fosse rapidamente aceito entre os cirurgiões da época.²

No século XVIII, o uso terapêutico da água foi valorizado novamente e a medicina passou a considerar a hidroterapia uma disciplina médica. A hidroterapia passou a ser então definida como aplicação da água para tratamento de doenças (Figura 3).

Na Inglaterra, França, Alemanha e Itália foram difundidas as aplicações internas, e externas (por meio de banhos e compressas quentes e frias) para o tratamento de várias doenças.



Figura 3: Banhos para tratamento de cefaléia. Philo won Walde. Berlim, 1899.

A Grã-Bretanha foi o berço do nascimento da hidroterapia científica, com a publicação, em 1697, do tratado: "An Inquiry into

the *Right Use and Abuse of Hot, Cold and Temperature Bath*” (“Uma investigação sobre o uso correto e o abuso dos banhos quentes, frios e temperados”) de John Floyer, dedicado ao estudo da hidroterapia científica. Esses trabalhos foram traduzidos em várias línguas.²

Os escandinavos e russos popularizaram o uso de banhos frios após os banhos quentes. Os banhos quentes com vapor precedidos por banhos frios tornaram-se uma tradição e foram populares por muitas gerações.²

Em 1830, o camponês Vinzenz Priessnitz (1799-1851), desenvolveu programas de tratamento hidroterápico, e usava primariamente banhos ao ar livre. Esses tratamentos consistiam de banhos frios, banhos de chuveiro e bandagens (Figura 4). Pelo fato de Priessnitz não possuir nenhuma credibilidade médica, ele não foi visto favoravelmente pelos médicos da época. Ele era visto como um empirista e a comunidade científica descreditou de seus programas de tratamento.²



Figura 4: Tratamento de doentes com esponjas molhadas. Philo won Walde. Berlim, 1899.

Durante esse tempo, o padre Sebastian Kniepp (1821-1897), modificou as técnicas de tratamento de Priessnitz, aplicando banhos quentes parciais, ou seja, imergir parte do corpo em tanques ou piscinas de diferentes temperaturas, após aplicações de águas frias e mornas. Os tratamentos hidroterápicos de Kniepp também consistiam em molhar o corpo com duchas e banhos de chuveiro em diferentes temperaturas com finalidades curativas. A “*Kniepp Cure*” tornou-se popular na Alemanha, no norte da Itália, Holanda e França.²

No tratamento dos doentes mentais, Philippe Pinel (1755-1826) instituiu tratamentos hidroterápicos, alcançando ótimos resultados.

O charlatanismo era uma questão presente. Na Europa, entre os anos de 1830 e 1850, a medicina vienense combateu essa exploração, exigindo uma análise rigorosa da doença antes de instituir qualquer terapêutica.

Winterwitz (1834-1912), um professor austríaco, foi o fundador da Escola de Hidroterapia e Centro de Pesquisa em Viena; ele é lembrado como um dos mais devotos profissionais no estudo da prática da hidroterapia. Seu instituto ficou conhecido como Instituto de Hidroterapia.²

A terapêutica com águas termais definida pelos hidrologistas como Termalismo consistia em um conjunto de atividades que envolvessem a terapêutica pelas águas minerais consideradas medicinais aplicadas a um doente durante a sua estadia numa estância. Em 1896, após a descoberta do *radium* pelo casal Curie, os médicos enfatizavam que o tratamento termal deveria ser realizado diretamente nas fontes para que o efeito das propriedades das águas fosse obtido. Assim, a hidroterapia preconizava

que, devido ao *radium*, a água deveria ser bebida e usada na fonte: haveria perda da radioatividade e alteração do pH, quando engarrafada e transportada sem os cuidados básicos de conservação.

Em 1928, o físico Water Blount demonstrou o uso de um tanque dotado de motor que ativava jatos de água provocando um redemoinho. O tanque de Hubbard, como ficou conhecido era utilizado para realização de exercícios na água.

Os locais de hidroterapia, dependendo da época e país, recebiam diversas denominações: termas, balneários casas de banho, caldas, estâncias termais, estância hidro-minerais, *spas*.

A origem da palavra *spa* é controversa. Alguns autores creditam o nome à cidade belga *spa* conhecida na Roma antiga como *Aquae Spadance*, famosa pelas águas ferruginosas que jorravam das fontes (*espa* ou *spa*) para tratamento de doenças causadas por deficiência de ferro. Outros autores afirmam que *spa* seria um acrônimo da expressão latina *salus per aquam* ou *sanitas per aquam* (saúde pela água) ou mesmo *special public assistance*, centros termais para realização de exercícios, recreação e descanso.²

Atualmente, a hidroterapia é uma importante ferramenta da fisioterapia no processo de reabilitação aquática de programas de tratamento.

HIDROTERAPIA NO BRASIL

Conta a história que Dom João VI sofreu um ferimento na perna por picada de carrapato e, como não cicatrizava, o médico da Corte recomendou que ele se banhasse nas águas cristalinas do mar, na então praia de São Cristóvão, na ponta do Caju (Figura 5). Após seis anos recusando o tratamento proposto, agora com risco de perder a perna e até a vida, convenceu-se o Príncipe a realizar o tratamento. Nesse local, havia uma propriedade que pertencia à família Tavares Guerra, que mantinha estreitas relações com Dom João VI, sendo então oferecida a chácara em 1817, como apoio para seus banhos de mar. Após o tratamento pela talassoterapia, consta que a lesão realmente cicatrizou e Dom João VI, deixou de frequentar o local.¹



Figura 5: Ponta do Caju - Primeiro balneário da cidade do Rio de Janeiro.

A Chácara Imperial Quinta do Caju ficara conhecida como Casa de Banhos de Dom João VI. Essa construção histórica atualmente abriga o Museu da Limpeza Urbana, no bairro do Caju, mantido pela Companhia de Limpeza Urbana (COMLURB).

No Brasil, o uso de águas termais ocorre a partir de 1818, data da criação da primeira estância termal brasileira, Caldas do Cubatão, atualmente denominada Caldas da Imperatriz. Suas águas eram então conhecidas como portadoras de propriedades terapêuticas. Assim, Dom João VI emitiu um decreto que ordenava a construção de um hospital termal espelhado no hospital das Caldas da Rainha, em Portugal. Este é considerado o marco inicial do Termalismo brasileiro.³

No século XIX, os médicos brasileiros incentivaram o desenvolvimento da pesquisa científica sobre águas minerais, em analogia ao que se passava na Europa, contribuindo, assim, para o desenvolvimento da hidroterapia. No final do século XIX e início do XX, com a chegada de imigrantes europeus ao Brasil, médicos estrangeiros transferiram seus conhecimentos hidroterápicos aos médicos brasileiros, contribuindo assim para difusão do conhecimento científico e sua prática.

O Brasil é considerado um dos países mais ricos em fontes hídricas, possuindo várias estâncias hidrominerais com diferentes indicações medicinais. As mais conhecidas estão localizadas no sul de Minas Gerais, nas cidades de Poços de Caldas, Araxá, Caldas Novas, São Lourenço, Cambuquira, Lambari e Caxambu. Existem estâncias hidrominerais espalhadas em todo território nacional: São Paulo, Bahia, Rio Grande do Norte, Ceará, Pernambuco, Maranhão, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.³

No Rio de Janeiro, em 1922, a hidroterapia científica tem seus primórdios na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, com banhos de água doce e salgada. Naquela época, a entrada principal da Santa Casa era banhada pelo mar, e havia facilidade para os banhos com água salgada, aspirada do mar, e para aplicação de banhos de água doce, obtida do sistema de abastecimento da cidade (Figuras 6 e 7).



Figura 6: Praia de Santa Luzia - Vista da Igreja edificada em 1752. Detalhe do “Grande Estabelecimento de Banhos de Mar de Santa Luzia” (Seta).



Figura 7: Casa de banho na Rua Santa Luzia - Rio de Janeiro.

A HIDROTERAPIA NA MARINHA DO BRASIL

Na Marinha do Brasil, ao final do século XIX e início do século XX, o tratamento através da hidroterapia já tinha suas indicações em várias patologias: reumatismos, sífilis, neurastenia, enxaqueca, dermatoses alérgicas, dispepsias, asma, tuberculose e até mesmo doenças nervosas.

No livro de Atas de Inspecções de Saúde de militares realizadas em 1901, localizado nos arquivos da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documental da Marinha e no Centro de Perícias Médicas da Marinha, existem registros de laudos médico-periciais, com encaminhamento para serviços de hidroterapia (Figura 8).

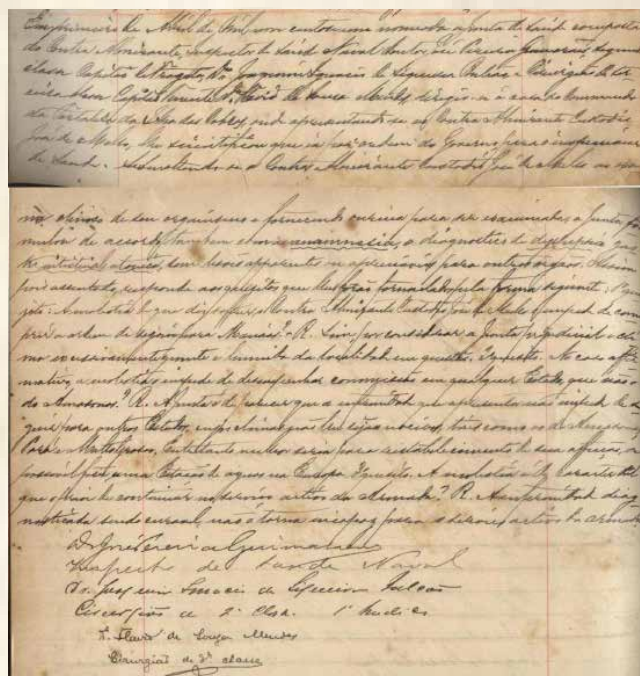


Figura 8: Ata de inspeção de saúde datada de 1º de abril de 1901. Diretoria do Patrimônio Histórico e Documental da Marinha.

Transcrição *Verbo Ad Verbum* da ata de inspeção de saúde do Contra-Almirante Custódio José de Melo em 01/04/1901:

“Em primeiro de Abril de mil novecentos e um nomeada a Junta de Saude composta do Contra Almirante, Inspector de Saude Naval Doutor José Pereira Guimarães, Segunda classe Capitão de Fragata, Dr. Joaquim Ignacio de Siqueira Falcão e cirurgião de terceira classe capitão tenente Dr. Flavio de Sousa Mendes dirigiu-se a casa do Commando da Fortaleza da Ilha das Cobras, onde apresentando-se ao Contra Almirante Custódio Jose de Mello, lhe cientificou que in face ordem do Governo para o inspeccionar de saúde. Submetendo-se o Contra Almirante Custódio Jose de Melo ao exame clinico de seu organismo e fornecendo urina para ser examinada, a Junta formulou de acordo também com a anamnesia, o diagnóstico de dispepsia gastrointestinal atônica, sem lesões aparentes ou apreciáveis para outros órgãos. Assim pois assentado, responde aos quesitos que lhe forão formulados pela forma seguinte: 1º quezito: A moléstia de que diz soffrer o Contra Almirante Custódio de Melo o impede de cumprir a ordem de seguir para Manaus? —R. Sim, por considerar a Junta prejudicial o clima excessivamente quente e humida da localidade em questão. 2º quezito. No caso afirmativo, a moléstia o impede de desempenhar comissão em qualquer Estado que não o do Amazonas? R. A Junta é de parecer que a enfermidade que apresenta não impede de seguir para outros Estados, cujos climas não lhe

sejam nocivos, tais como as do Amazonas, Pará e Matto Grosso. Entretanto melhor seria para restabelecimento de sua affecção se possível fosse, uma Estação de águas na Europa. 3º quesito. A moléstia é de caráter tal que o priva de continuar no Serviço activo da Armada? R. A enfermidade diagnosticada sendo curável, não o torna incapaz para o Serviço activo da Armada.” Assinaturas

A Figura 9 apresenta registro de inspeção de saúde com laudo médico-pericial e encaminhamento do inspecionado.

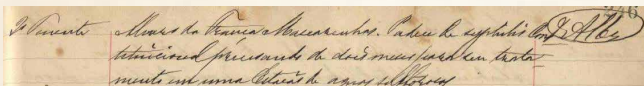


Figura 9: “2º Tenente Alvaro da França Mascarenhas padece de syphilis constitucional precisando de dois meses para seu tratamento em uma Estação de águas sulphurosas”.

O tratamento hidroterápico, com a ingesta oral e banhos com águas sulfurosas, alcançava resultado surpreendente e alívio das reações adversas por intoxicação medicamentosa, principalmente na urticária provocada pelo mercúrio e arsênico. Observava-se também um efeito terapêutico rápido nas erupções de pele causadas pela intoxicação do bismuto.⁴

No Brasil, bem como em vários países, o beribéri vitimou muitos tripulantes de navios de guerra, ocasionado afastamentos temporários e definitivos do Serviço Ativo e até a morte do militar. Após o conhecimento de estudos realizados em vários países da Europa, do importante papel da hidroterapia na recuperação dos pacientes portadores de beribéri, principalmente nas formas polineuríticas, tomou-se um grande objetivo para a Marinha do Brasil a implementação dessa forma de tratamento.⁵

Na análise documental das causas de incapacidade temporária para o Serviço Ativo da Marinha, ocorridas no início do século XX, constatou-se que o beribéri foi a principal causa de afastamento temporário, respondendo por 28,5% dos casos. Os surtos de beribéri ocorriam durante as viagens, com o início dos sintomas após o 12º dia de mar, aproximadamente, e as queixas eram inicialmente de parestesias de membros inferiores evoluindo para outros grupos musculares, provocando fraqueza intensa, rigidez nas extremidades dos membros, impeditiva para qualquer atividade laborativa. Os navios brasileiros, no início do século XX, a maioria de propulsão a vapor, tinham paióis quentes, mal ventilados, úmidos e não possuíam sistema de refrigeração adequado para conservação de gêneros alimentícios frescos, que suportassem muitos dias de mar. Dessa forma, eram inúmeros os casos de beribéri acometendo os marinheiros, que eram baixados em hospital-barraca na Ilha do Governador.⁵

A Marinha, diante do número crescente de casos e, sendo aquela doença considerada contagiosa, necessitou criar um hospital para os beribéricos. No final do século XIX, Copacabana era ainda um local meio deserto e de difícil acesso, com clima ameno, constituindo adequada localização para um sanatório.⁵

Dessa forma, foi decidida a criação da Enfermaria de Copacabana (Figura 10), situada no caminho que ligava a Rua Real Grandeza à Rua Barrozo, atual Siqueira Campos, trajeto onde foi construído um túnel para passagem de bondes, que facilitou o acesso a Copacabana.⁶

Na Enfermaria de Copacabana, foram tratados de 1890 a 1896, aproximadamente 1266 militares com beribéri⁷ (Figura 11).

Em 1899, após a constatação de que a mortalidade pelo beribéri ainda atingia níveis alarmantes, tomou-se necessário a transferência da Enfermaria de Copacabana para um local com condições climáticas mais aprazíveis e temperatura mais amena, água abundante e ar puro, em resumo: um sanatório por excelência.



Figura 10: Enfermaria de Copacabana - 1890.

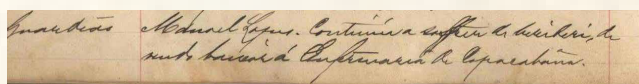


Figura 11: “Guardião Manoel Lopes continua a soffrer de beribéri devendo baixar à Enfermaria de Copacabaña.”

O Almirante Carlos Balthazar da Silveira, na época Ministro da Marinha, em seu relatório anual relatou que “A Enfermaria de Copacabana não tem correspondido aos fins de sua organização; a mortalidade tem sido avultada, especialmente nos últimos anos. Sua construção no alto de uma ladeira, ficando em grande parte sob montanha, desabrigada da ação direta do sol, torna-a quente e úmida. Torna-se urgente sua remoção para uma localidade de clima mais ameno, que possua água potável boa e abundante e espaço plano suficiente para os exercícios tão salutares aos beribéricos. O que a experiência tem provado, em nosso país e no estrangeiro, é a grande vantagem da colocação de tais hospitais em lugares montanhosos de altitude de 500 a 800 metros, onde o clima temperado dêsses planaltos retempera o organismo e faz sustar a moléstia em sua marcha destruidora.”⁸

Sendo decidido que a Enfermaria de Copacabana para os beribéricos, não mais correspondia a sua finalidade, pois, supondo tratar-se de doença de origem contagiosa, os doentes necessitavam de mudança de ambiente e clima,⁸ a Marinha de Guerra Imperial elegeu Nova Friburgo (Figura 12), cidade serrana do Rio de Janeiro, como local de excelência para estabelecer uma enfermaria para os beribéricos, que proveria a convalescença e a cura de seus marinheiros.



Figura 12: Sanatório Naval em Nova Friburgo.

Em 25 de julho de 1889, foi inaugurada em Nova Friburgo, uma enfermaria provisória para tratamento dos oficiais e praças da Armada acometidos de beribéri. Após um mês de instalada, o Diretor do Hospital de Marinha da Corte enviava o seguinte ofício ao Ministro da Marinha: *“Tenho a honra de enviar a V. Exa. os mapas dos doentes de beribéri tratados em Nova Friburgo: as duchas aplicadas com método e cuidado constituem um meio terapêutico de grande alcance (...) aqueles que foram paralíticos e com atrofia muscular ainda se acham muito enfraquecidos e que só agora e depois de trinta e tantas duchas é que deixaram as muletas...”*.⁸

Estas duchas foram aplicadas no Instituto Hidroterápico, instituição particular que já havia em Friburgo. Foi provavelmente nesse momento que a Marinha decidiu pela aquisição de tal estabelecimento.⁸ O Instituto Sanitário Hidroterápico ou Casa de Duchas foi fundado em 1870, pelo médico italiano, natural de Nápolis, Carlos Éboli (1832-1885), sendo à época considerado o maior estabelecimento de hidroterapia da América Latina.⁸

O Instituto era frequentado pelas classes abastadas, turistas, tendo inclusive como clientes, Dom Pedro II, Princesa Isabel, que em 1874, foi submetida a tratamento hidroterápico para o tratamento de infertilidade.⁹ No entanto, com o falecimento do Dr. Carlos Éboli, em 1885, o instituto passa a enfrentar dificuldades financeiras, apesar da admissão de novos sócios.

O Ministério da Marinha empenhou-se para a aquisição do Instituto Hidroterápico (Figura 13), do qual já se utilizava para tratamento dos beribéricos. Os moradores da cidade e suas instituições, a exemplo da Câmara, se pronunciaram contra tal aquisição, pois como era considerada uma doença infecto contagiosa, acreditavam que iria comprometer a salubridade de Friburgo já que o Instituto era localizado no centro da cidade.¹⁰



Figura 13: Fachada do antigo “Hidroterápico.”

Era grande o interesse da Marinha pela aquisição do Instituto Hidroterápico, pois à época, era de conhecimento universal, que o tratamento hidroterápico consistia em importante medida terapêutica para a cura do beribéri. A Casa de Duchas possuía todas as instalações e aparelhos para tal fim e os problemas financeiros do Instituto facilitaram a aquisição do estabelecimento pela Marinha.

Em 1920, foi construído nas dependências do Sanatório, um pavilhão para o Serviço de Hidroterapia, chamado Pavilhão das Duchas.¹¹

No decorrer dos anos, após descoberta da real causa do beribéri, que tem sua origem na deficiência de vitamina B1, a doença deixou de ser um flagelo e foi erradicada da Marinha.

O Sanatório Naval destituído da sua finalidade inicial, foi transformado em hospital especializado para tratamento de tuberculosos.¹² Em 1940, foram construídos o Pavilhão de Internação da Clínica Médica, a Casa das Irmãs de Caridade e o “Pavilhão das Duchas” foi transformado em Pavilhão de Cirurgia. Em 1972, finalmente foi alterada a destinação do Pavilhão de Cirurgia, passando a funcionar como Ambulatório até os dias atuais.

CONCLUSÃO

A Marinha do Brasil sempre acompanhou a evolução da ciência médica. Desde o início do século XX, o Sistema de Saúde da Marinha, com o apoio da Administração Naval, incentivou a aplicação de meios modernos para tratamento de doenças prevalentes, como o beribéri à época.

Foi essa posição pioneira no Brasil que fundamentou a criação de um Sanatório com Serviço de Hidroterapia na cidade de Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, que surgiu como um modelo de tratamento multidisciplinar eficaz de doenças então prevalentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Botsaris AS. Medicina complementar: vantagens e questionamentos sobre as terapias não convencionais. Rio de Janeiro: Record; 2004.
2. Da história da hidroterapia. Actas CIBA. 1948 abr;15(4):90-105.
3. Quintela MM. Saberes e práticas termais: uma perspectiva comparada em Portugal (Termas de São Pedro do Sul) e no Brasil (Caldas da Imperatriz). Hist Cienc Saúde – Manguinhos. 2004;11 (supl 1):239-60.
4. Frutuoso RAM. A história da sífilis na Marinha do Brasil. Arq Bras Med Naval. 2013 jan./dez.;74(1):8-14.
5. Frutuoso RAM. Beribéri: revisão histórica e documental na Marinha do Brasil. Arq Bras Med Naval. 2010 jan./dez.;71(1):8-13.
6. Gerson B. História das ruas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Lacerda; 2000.
7. Lima EJC. O problema do beribéri na Marinha brasileira. Rio de Janeiro: Imprensa Naval; 1923.
8. França MF. Notícia histórica do Sanatório Naval de Nova Friburgo. Rio de Janeiro: Imprensa Naval; 1961.
9. Feo R. O Barão de Teresópolis, Conselheiro Dr. Francisco Ferreira de Abreu: outras histórias e outras coisas, 1823-1885. Rio de Janeiro: Zem; 2013.
10. Arêa J. 50º aniversário de fundação do Sanatório Naval em Nova Friburgo, 1910-1960. Rio de Janeiro: Gráfica Nova Friburgo; 1960.
11. Ermakoff G. Augusto Malta e o Rio de Janeiro, 1903 – 1936. Rio de Janeiro: Ermakoff Casa Editorial; 2009.
12. Tabet S, Pumar S. O Rio de Janeiro em antigos cartões postais. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros; 1985.

Como citar este artigo: Frutuoso RAM. Hidroterapia na Marinha do Brasil. Arq Bras Med Naval. 2014 jan/dez;75(1): 8-13